

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

THAIS FERNANDA RODRIGUES DA LUZ

**MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CONTO “O HÓSPEDE SECRETO” DE MIGUEL
SANCHES NETO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**CURITIBA
2015**

THAIS FERNANDA RODRIGUES DA LUZ

**MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CONTO “O HÓSPEDE SECRETO” DE MIGUEL
SANCHES NETO**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA
2015



TERMO DE APROVAÇÃO

ALUNO: Thais Fernanda Rodrigues da Luz

Polo: Polo Jaú

TÍTULO DA MONOGRAFIA:

Memória E Identidade No Conto “Hóspede Secreto” De Miguel Sanchez Neto.

Esta monografia foi apresentada às **11:00:00 AM h** do dia **11/28/2015** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, **Campus Curitiba**. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	x	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador.
3		Reprovado

Professora Maurini de Souza

UTFPR – PR

(orientador)

Professora Ana Paula Pinheiro da Silveira

UTFPR – PR

Professor Márcio Matiassi Cantarin

UTFPR – PR

OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.

RESUMO

LUZ, Thais Fernanda Rodrigues da. **Memória e identidade no conto “O hóspede secreto” de Miguel Sanches Neto**. Curitiba, 2015. 24 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

O conto “O hóspede secreto”, de Miguel Sanches Neto, apresenta uma moça da cidade, que evoca por meio de uma imagem-lembrança (o galo de penas marrons) um elo com a infância. Tal acontecimento, por curto tempo, possibilita uma reconquista do mundo perdido; transitar pela memória, visualizar novamente o passado, é uma representação ao resgate da sua verdadeira identidade, embora ela saiba que o canto do galo é apenas a verossimilhança e reconhecimento da infância, e que ele não trará de volta os elementos do campo e os pais já mortos. O objetivo deste artigo é analisar o conto sob a ótica das reflexões sobre memória, tendo como base reflexões teóricas de Agostinho (1999), Le Goff (1994), Bergson (1999), Bosi (1994), Nora (1993) e Pollak (1992). Busca-se compreender quais são as evidências, no conto, que estabelecem a memória como formadora de identidade.

Palavras-chave: Literatura; Memória; Identidade; Miguel Sanches Neto.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	DE MIGUEL SANCHES NETO	7
3	DOS TEÓRICOS CONTEMPORÂNEOS	8
4	<i>O HÓSPEDE SECRETO</i>	10
5	DA NARRADORA PERSONAGEM	13
6	DA PRESENÇA DO GALO	15
7	DA INFÂNCIA	17
8	DA MEMÓRIA COMO AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE	19
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

No conto “O hóspede secreto” (2003), o paranaense Miguel Sanches Neto, evidencia via ficção, o conceito de memória e identidade, pelo viés das lembranças da narradora, estas que são remetidas à infância no campo, outrora, julga-se ouvir relatos de desespero por uma busca ardente de sentido a uma vida que passa inerente aos gritos (existenciais) da narradora que sussurra ao galo de penas marrons (elemento de identidade) a saudade dos dias felizes ao lado da família.

Observa-se no conto, a motivação e o apreço por uma infância bucólica, que para a moça ainda não deixou de existir, embora ela agora resida apenas nos seus devaneios, que fazem da vida atual um lugar remoto, uma rota alusiva e fantasiosa em uma cidade grande que aparentemente nada lhe diz.

O galo de penas marrons é o hóspede secreto que sutilmente apossa-se do apartamento, mesmo não sendo este o seu habitat, constrói-se ali uma rotina com a moça que também sente não pertencer àquele espaço, está em suas mãos o poder de dar a ela, um pouco de aconchego familiar, conforto e em poucas palavras, uma identificação consigo mesma, a aceitação de que não se pode viver duas vezes a mesma coisa; outrossim, como todo hóspede sua estadia tem um tempo, e querendo a moça ou não, ele precisa voltar às suas origens: tocar a terra, vislumbrar o verde, afirmar com sua cantoria o seu pertencimento ao campo, e pode-se dizer que estes também são os desejos primários da moça, ter voz, afirmar-se, nomear-se alguém, ter novamente uma família, voltar para a roça, são vontades irrealizáveis, uma vez que os pais já se foram, a casa da infância foi demolida, e ela não é mais a menina que andava de carroça com seu vestido de chita, o que se alimenta é a ilusão de um conto de fadas, a possibilidade de fazer acontecer, ou de desfazer o feitiço do tempo, que lhe insiste em entregar uma realidade que não a satisfaz, já que se apresenta nula de vínculos familiares; todas as aquelas vozes da cidade são apenas barulhos que nada lhe pronunciam, nada é dirigido a sua pessoa, as vozes passam por ela, roçam-lhe a pele, escancaram nomeações, atributos alheios, mas a ela fica o convite que não foi entregue, a festa a qual não foi convidada.

A identidade da narradora está formada no campo, para ela o seu útero acolchoado, e o seu peregrinar se dá na capital, por isso a dualidade de sentimentos, e a comparação incansável do antes e depois.

A presença do galo possibilita à narradora por um curto espaço de tempo, a restituição de um vínculo existencial com o mundo e a conclusão final de que somos enganados quando lembramos do passado, é o passado de outra pessoa; uma vez que ilusoriamente morremos a cada dia, alimentamos a farsa, numa tentativa falha de segurar o presente, e conclui-se que se retêm as lembranças, mas não o indivíduo.

Capta-se no conto o sentimento de não- pertencimento à cidade, a nostalgia, o saudosismo, a valorização dos elementos campestres, absorve-se também por uma leitura minuciosa, a identificação real ou não, com os signos da infância, o costurar da “colcha de retalhos” de cada indivíduo que ali se vê refletido.

O presente artigo pretende, portanto, analisar o conto “O hóspede secreto” de Miguel Sanches Neto, sob a ótica das reflexões sobre memória, tendo como base alguns teóricos contemporâneos, como Santo Agostinho (1999), Le Goff (1994), Bergson (1999), Bosi (1994), Nora (1993) e Pollak (1992). Busca-se compreender quais são as evidências que estabelecem a memória como formadora de identidade.

2 DE MIGUEL SANCHES NETO

Miguel Sanches Neto é um escritor Paranaense, natural de Bela Vista do Paraíso, onde nasceu em 1965. Aos quatro anos, ficou órfão de pai e passou a viver em Peabiru, no mesmo estado, onde estudou em colégio agrícola e chegou a trabalhar na agricultura. Mais tarde, formou-se em Letras (1984-1986), especializou-se em Literatura Brasileira, em Curitiba (1989); cursou o mestrado em Teoria Literária (1990-1992). É doutor em Letras pela Unicamp (1994-1998) e professor-associado de literatura brasileira na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Tem publicado artigos, ensaios e livros sobre autores nacionais; entre eles, Manoel de Barros, Dalton Trevisan e Cecília Meireles. Suas áreas de atuação universitária são: literatura brasileira contemporânea; formação do leitor literário; crítica literária; revistas literárias, textos autobiográficos, literatura de testemunho.

Crítico literário da Gazeta do Povo (PR) e da revista Carta Capital, o autor recebeu o Prêmio Nacional Luis Delfino pelo livro “Inscrições a giz” (FCC, 1991) e o Prêmio Cruz e Souza/2002 por “Hóspede secreto” (contos, Record, 2003).

Dentre suas publicações, estão: **Inscrição a giz** (1989), **Chove sobre minha infância** (2000), **Hóspede secreto** (2003), **Herdando uma biblioteca** (2004), **Venho de um país obscuro** (2005), **Um amor anarquista** (2005) **A primeira mulher** (2008), **Chá das cinco com o vampiro** (2010), **A máquina de madeira** (2012) e **A segunda pátria** (2015).

Neste sentido, o interesse em estudar o conto de Sanches Neto se deve por este ser um escritor contemporâneo, reconhecido nacional e internacionalmente, que conjuga uma formação acadêmica teórica à prática na área de Literatura; a proposta de aproximação com o leitor ao narrar memórias, conjuga diferentes olhares sobre o assunto, refletindo um resgate da identidade de seus leitores.

3 DOS TEÓRICOS CONTEMPORÂNEOS

Segundo Le Goff (1994), a memória é a propriedade de conservar certas informações, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. O autor apresenta a memória como antídoto do esquecimento.

Ela permite existir, define, determina a identidade, faz com que o homem “seja”; de acordo com Le Goff (1994):

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 1994, p. 476)

A memória é vista pelo autor, como elo fundamental da identidade, isto é, todo ser humano só consegue se reconhecer a partir das informações e conhecimentos que guardou no seu palácio das memórias.

A memória surge como o que dá sentido, significado, como diz NORA (1993, p. 9), “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções”.

As lembranças determinam a memória, dão-lhe suporte e remetem à construção do eu; graças à sensibilidade e simbologia que envolve a memória, pode-se arquivar informações que respondem ao presente, este que a todo o momento volta seus olhos ao passado, numa busca ardente de sentido, significado e rota.

Para Pollak (1993), a memória tem caráter seletivo, nem tudo fica gravado e registrado; ele ainda diz:

A memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 5)

A memória organiza-se por meio da coerência dos significados, é pela sensibilidade que seleciona e arquiva aquilo que julga necessário ser guardado, aquilo que tocou, emocionou e marcou o momento; ela também se baseia na aura simbólica que envolve os acontecimentos.

Bosi (1994) discute o caráter livre, espontâneo da memória, em que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. (BOSI, 1994, p. 55)

O passado quando rememorado adquire um novo olhar, uma nova construção, uma vez que acompanha as mudanças ocorridas também no sujeito, aquele que rememora já não é mais o mesmo da lembrança; o tempo é um algoz que tem como missão a reconstrução do ser humano, retêm-se as lembranças, mas não o indivíduo.

A memória é dada como lugar de afirmação de si mesmo, como busca das causas da vida presente, Santo Agostinho (1999) diz que:

Tudo isso realizo no imenso palácio da memória. Aí estão presentes o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 217)

A memória é apresentada pelo autor, como bagagem de uma vida, a individualidade ancorada nas lembranças, nos conhecimentos; as sensações guardadas e rememoradas por meio de uma imagem revestida de significados, o duelo entre presente e passado, e a reconstrução sem par do indivíduo. Diferentes nomeações se vinculam à memória, não porque ela é incógnita difícil de se resolver, mas sim porque não se faz uma vida sem ela; memória como atributo da identidade e selo real do próprio lugar no mundo. Neste estudo, as características diversas, apontadas pelos teóricos apresentados, deverão ser selecionadas e apontadas como motivadoras do texto em análise.

4 O HÓSPEDE SECRETO

O conto narra, em primeira pessoa, os devaneios de uma moça da cidade, que tem seu apartamento invadido pelo canto de um galo; ela acorda, então, em um lugar remoto, recortado por morros e árvores, e já não está sozinha, há a presença da mãe, que põe o café na mesa, e do pai, que saiu para ordenhar as vacas.

O galo canta mais duas ou três vezes, e, embalada por imagens doces, a moça acorda e conclui sua rotina matinal até ao trabalho de telefonista, este que não dá descanso e nem tempo para pensar em outras coisas.

Rodolfo, ou Rodô (o galo) é o animal do quintal da infância, é a lembrança do aconchego familiar. Quando a moça vê um galo semelhante na pecuária da cidade, ela não tem dúvidas do que fazer: compra-o e leva-o para ser o seu hóspede secreto, e ele preenche a sua vida solitária, dando-lhe as melhores noites nos últimos anos. É como se vivessem juntos desde sempre; com ele, ela retorna à quietude do campo. Rodô representa a imagem do quintal de casa da infância, e a reconquista de um mundo perdido, trazendo o pai e a mãe, o conforto de uma família. Por alguns dias, pôde viver, de novo, tudo o que perdera.

Mas Rodô não pertence àquele mundo, ele não pode viver em um apartamento, não há espaço na capital para o canto do galo, ele comete o crime de soar suas sirenes pelas madrugadas e a cidade não admite essa afronta.

Rodô vai embora, para um lugar mais amplo, para as terras onde a moça passou a infância, e ela percebe que nada sobrou no lugar onde morava, nem uma árvore, nem um sinal, sem nenhuma marca, sem memória alguma. Tem-se apenas a luta para encontrar algum sentido, e a triste conclusão, de que “eu não sou alguém da família, sou sem família” isto é, “quero dizer que quem está aqui é uma farsante, assim como o galo não é o Rodô de nossa infância” (SANCHES, 2003, p. 74). Ela chega à conclusão que aquele animal é apenas um galo, substantivo comum, não representa a infância perdida. “Apenas este canto é o mesmo e real. Apenas ele me une a quem penso que fui” (SANCHES, 2003, p. 75).

A narradora percebe que por mais que o galo da pecuária se pareça com Rodô (o galo do campo) ele não irá substituir a imagem da infância, uma vez que ela também não é mais a mesma, não está mais no campo e perdeu completamente os vínculos familiares, e o único irmão que resta, em nada se parece com o irmão da infância, o tempo e as mudanças também o atingiram.

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55)

Ancorada em Halbwachs, Bosi (1994), ainda nos diz que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”, para a narradora do conto, tal teoria se aplica, uma vez, que Rodô remete à imagem do galo do quintal da casa de infância, e é a partir dessa lembrança, que um conjunto de representações passadas são evocadas e reconstruídas para o leitor.

Com aporte teórico em Boncompagno, Le Goff (1994) menciona a memória como um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas.

A memória se manifesta como uma tessitura entre presente, passado e futuro, um elo interminável de signos e significados que norteiam a vida humana; sempre é necessário transitar pelo palácio da memória, para buscar, recordar, revelar impressões e identidades que ainda não foram levadas pelo esquecimento.

De acordo com Santo Agostinho (1999):

O grande receptáculo da memória – sinuosidades secretas e inefáveis, onde tudo entra pelas portas respectivas e se aloja sem confusão – recebe todas estas impressões, para as recordar e revistar quando for necessário. Todavia, não são os próprios objetos que entram, mas as suas imagens: imagens das coisas sensíveis, sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda. (SANTO AGOSTINHO 1999, p. 216)

O presente constantemente chama o passado, pois é lá que se encontra o reconhecimento das experiências vividas, e em concomitância à identidade do indivíduo, uma vez que residem não os próprios objetos, mas as suas imagens, ou seja, as lembranças que denunciam a personalidade de cada um, como resposta do aprendido e visto.

Bergson (1999) afirma que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde”, o que remete ao momento em que a narradora, ao ver o galo de penas marrons, lembrou-se dos seus dias de brincadeira livre no campo, e, por um impulso, levou-o para casa, numa tentativa de restituir o passado.

O autor ainda caracteriza como *imagem-lembrança*, quando trazemos à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória remete a essa associação inicial. A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada.

No conto vemos que a situação inicial é o canto do galo, que leva a narradora ao campo e toda vez que o galo canta, por conseguinte, as demais imagens da infância são desencadeadas, a abordagem da meninice no quintal é muito forte, e o campo é o eixo condutor da infância à vida atual da narradora; vê-se a imagem de moça do campo, em cada depoimento, em cada lembrança, enquanto que na cidade grande o leitor só tem a devolutiva de uma moça que ironicamente se denomina uma telefonista que depois de tantos anos habituou-se a anular sua voz, uma máquina que presta serviços, sua voz como um portal mecânico onde as pessoas passam ligeiramente sem notar que ali havia alguém.

A única voz que lhe dá alegria e reconhecimento é o canto do galo, animal dotado de significados, cuja missão é a de trazer outros pormenores, entres eles, a nostalgia e afirmação do seio familiar, a coragem para seguir em frente em um mundo desconhecido; o canto matinal é a energia vital para uma vida que pouco lhe parece convidativa.

O hóspede secreto tem refletido em si toda a representatividade da moça, ele é o seu infinito particular, aquilo que ninguém vê, ele é a denúncia de uma mulher que se sente equivocada, deslocada na capital, é por sua vez a valorização do que há de mais íntimo e seguro na vida da moça, o seu canto está em sintonia com a voz da narradora, vê-se um elo de cumplicidade, de aceitação, de encontro; nada poderia parecer mais sublime do que ouvir o canto da infância e ali se encher de vida, soprar para o leitor a sagacidade do alguém que ela já foi, e a breve ilusão de que todo o resto desapareceu, e aqui, eu, moça do campo, retornei à quietude da terra que me nomeia, sou alguém identificável pelos símbolos da roça, símbolos que descrevem toda a amplitude de uma vida que na infância foi preenchida pela liberdade de poder ser exatamente o que se é.

5 DA NARRADORA-PERSONAGEM

Sanches traz, no conto, uma personagem que narra sua própria invisibilidade na cidade:

Aprendi a ouvir os outros, a conviver com eles, sem trocar nenhuma palavra. Posso ficar entre duas ou três pessoas que conversam sem intrometer. É como se tivesse me habituado, depois de tantos anos trabalhando como telefonista, a anular minha voz. Tudo passa por mim mas nada me atinge. Eu, que atendo tantos telefonemas na fábrica, nunca recebi nenhum. (SANCHES, 2003, p. 64)

Não há vínculo familiar na cidade, apenas algumas pessoas com as quais ela troca palavras; são sempre os mesmos, porque ela tem um horário regular, o porteiro do prédio, os motoristas e cobradores de ônibus, o guardião da fábrica, as meninas da padaria, “os outros são apenas vozes que chegam pelo telefone, sem nenhuma relação comigo. É como se viessem do além e passassem por mim sem deixar rastros.” (SANCHES, 2003, p. 65)

Ela não gosta de visitas, vive imersa em um mundo particular, onde só há espaço para ela e o galo da infância, que representa a memória familiar:

Depois do almoço, aproveito para dormir, mas deixo Rodô solto. Sonho com a chácara de papai, com os animais que tínhamos. Nossos brinquedos eram sempre os animais e vivíamos mais no quintal do que em qualquer outro lugar. Então ouço o canto do galo, um canto longo e forte. [...] Acho que o galo cantou apenas no meu sonho, mas logo seu grito se repete ao meu lado. (SANCHES, 2003, p. 67)

A narradora não tem identidade na cidade, lá ela é uma intrusa; assim como Rodô no apartamento, ela pertencia ao tempo passado, e a única de forma de resgate era a lembrança, que pode trazer o que está ausente. Com a repercussão do canto do galo, e graças às reclamações constantes dos vizinhos, ela agora tinha uma cidade inteira a odiando.

Sempre fui muito discreta, passando despercebida em todos os lugares. Agora, no prédio e nas imediações, todos se alvoroçam com minha presença. Levanto mais cedo no domingo e tento controlar o canto do Rodô. Mas não há o que segure a natureza. O canto é profundo, espontâneo e lindo. É uma coisa tão bonita que não fico com raiva dele, mesmo quando alguém abre a janela e começa a me xingar de velha louca. (SANCHES, 2003, p. 68)

A moça e o galo se pertencem, são elos de uma vida passada, de uma infância de liberdade, nostalgia e significados no seio familiar, agora adulta e morando sozinha na cidade, a narradora perde estes vínculos, na capital ela não existe, não há reconhecimento da sua

identidade, ela é apenas um número perdido em uma massa de sobreviventes. Sua identidade está apoiada na infância, onde ela se busca e que remete à declaração de Santo Agostinho:

Deste conjunto de idéias, tiro analogias de coisas por mim experimentadas ou em que acreditei apoiado em experiências anteriores. Teço umas e outras com as passadas. Medito as ações futuras, os acontecimentos, as esperanças. Reflito em tudo, como se me estivesse presente. (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 217)

E dessa maneira, ela tira do passado o presente e o futuro que vai se delineando no conto. A narradora-personagem mantém sua vida atual centrada nas experiências da infância, ela é embalada pelas imagens doces dos acontecimentos no campo, e no decorrer de todo o conto vai tecendo o presente com o passado, se apoiando nas imagens evocadas, e nos devaneios que surgem como vestígios da memória arquivada.

A moça pressente que a capital a via como um atraso, alguém não capacitado para viver no coração da cidade, ousada e destemida ao trazer um galo para o apartamento e provocar o caos na vizinhança com o barulho da cantoria, talvez lhe coubesse melhor a periferia, pois lá moram os suburbanos arrojados, ali na cidade, as pessoas devem prezar pelas conquistas modernas, pressupõe-se que os caipiras que vêm para Curitiba estão dispostos a construir uma nova identidade, a esquecer suas origens e a moldarem-se de acordo à cultura urbana, e aqueles que não admitem tal imposição acabam ficando para trás, não são identificáveis por não se adaptaram ao ritmo da cidade, não se vêem ali e constantemente são invadidos pelas saudosas lembranças da glória passada, que insistem em trazer à tona o sentimento de deslocamento em um espaço que tende a parecer não propício ao indivíduo.

O que se percebe no discurso da personagem é uma melancolia muito grande, uma comparação inevitável do seu destino com o do galo, já que o animal pode voltar para o seu mundo, e ela não, uma vez que faltam-lhe os elementos que distinguem a sua infância, há a consciência da brevidade da vida, e a sensação de que voltar aos dias passados é mais irreal do que os próprios sonhos, há ainda a aceitação, por mais dura que seja, que o alguém que fui, é também inalcançável, que quanto mais o tempo passa, mais ele fica pra trás, e o que resta é a lembrança de um eu que já não existe, ou seja, a personagem revela um íntimo desencontro consigo mesma, é tragada por emoções secas, que manifestam a tragicidade humana frente ao tempo e a incompletude que encontramos ao tentar atar as duas pontas: infância e vida atual.

6 DA PRESENÇA DO GALO

Como elo da infância, e testemunha do aconchego familiar, Rodô dá à personagem a possibilidade de paz:

Estas têm sido as melhores noites dos últimos anos. Durmo tranqüila, envolvida por um aconchego que só se tem na infância, quando a cama é útero acolchoado. Não tenho mais sentido as dores de cabeça, não ouço o som alto do vizinho de cima, nem a gritaria dos filhos da vizinha do 402. As buzinas ficaram distantes. Antes, acordava sobressaltada com a briga de alguém em um dos apartamentos, ou com o ruído de algum carro na rua. Tudo isso desapareceu por completo. Retornei à quietude do campo. A partir das cinco da manhã, o canto do galo me enche a vida de sensações boas. E o dia começa novamente bem. (SANCHES, 2003, p. 65)

Rodô surge como lembrança, ele representa o reconhecimento da infância, quando a identidade da narradora se formava. Ele é o vínculo que restitui o passado.

Então descobri que Rodô não pertence a Curitiba e nem ao meu presente. Ele é um ser da minha infância, nasceu e foi criado na chácara de papai. Lá é o lugar dele e não aqui. Sim, eu estava errada por ter insistido para que fosse aceito na minha vida de agora. Ele pertence aos meus dias de brincadeira livre no campo. (SANCHES, 2003, p. 71)

O galo de penas marrons se associa ao que Nora (1993) propõe como “um lugar de memória que a imaginação o investe de uma aura simbólica”; ele leva a narradora ao seu lugar de identidade e formação: o campo, este que é abrigado pelo carinho familiar. Ele deixa de representar apenas o animal galo e tem atribuído a si outros significados, numa tentativa de reconstrução da infância.

Rodô tem a missão de completar a lacuna existencial da narradora, suprir a ausência dos pais e resgatar um tempo perdido. O galo como imagem-lembrança confirma a identidade da narradora, ele também dá à rotina da moça um aspecto mais agradável, o canto de Rodô simboliza a força motriz acumulada em todos os anos vividos no campo, é o fabuloso fio que tece o que há de mais sagrado para aquela moça: a infância.

A amplitude do canto do galo ultrapassa o apartamento, uma vez que ele expele a voz contida da narradora, a sua invisibilidade, o massacre vivido em uma cidade que parece ter sido feita contra os símbolos da roça, ele impõe a sua existência e a da moça; ele traz Peabiru a Curitiba, não há mais como negar que aquela cidade é formada também pelos elementos do campo, que dentre os direitos alheios, existe também o direito de se criar um galo em pleno centro.

Para a narradora, o galo é o seu embate social, isto é, afirmação de que há em si nuances de morros e árvores, carroças, terra e porque não, um galo de penas marrons, mesmo que esses elementos pareçam impróprios à cidade, sabe-se que essas lembranças não serão destruídas porque fazem parte da sua identidade e são méritos da sua existência. O campo a nomeia, e o canto do galo a descreve.

Por um momento, a presença do galo é vista pela narradora, como um vínculo inestimável, quer dizer, a sensação de que vivessem juntos desde sempre, parte de mim, composição da minha identidade, reflexo da essência que me atribui sujeito real em uma cidade que não me vê, e de alguma forma, a voz que diz: há alguém aqui, com um coração pulsante e uma bagagem de memórias trazida de Peabiru.

E são essas memórias que agregam tranquilidade e um certo tom amistoso à cidade, ou seja, a narradora não olha com satisfação para o presente, a não ser quando as lembranças são desencadeadas pelo canto do galo, vemos uma moça que constantemente volta os olhos ao passado com o olhar do presente, um olhar contemplativo, saudosista, que não cansa de elevar ao mais alto patamar a experiência dos dias felizes na chácara, a designação de Peabiru como o seu supremo paraíso.

O canto do galo é ainda uma denúncia para a solidão que invade as grandes cidades, temos a narradora morando em um apartamento (representação da coletividade), mas que precisou de um animal para amenizar a falta de vínculos que sente com as pessoas que a rodeiam, com o galo ela deixa de fazer parte de um círculo de vozes que nada lhe dizem, para ter um canto só seu, um canto que não é comum, mas que representa um grande show, o maior, pois convoca todas as imagens, lembranças e vozes da sua infância e com elas atribui sentido aos dias atuais.

7 DA INFÂNCIA

Para a narradora, a infância no campo foi o seu verdadeiro conto de fadas, lá era o seu mundo, de onde ela nunca deveria ter saído.

Eu quase não reconheço mais a região. Tantos anos sem ter retornado. Estou na minha cidade, seguindo para as terras onde passei a infância. Queria viver tudo de novo, que o feitiço da Gata Borracheira se desfizesse. Que este carro moderno se transformasse novamente na carroça que íamos à cidade, que minhas roupas novas voltassem a ser o vestido de chita da infância, que os tratores trabalhando na fazenda virassem cavalos lerdos pelo peso do arado. Chegamos na casa de meu irmão para descobrir que, na minha história, a transformação é irreversível. (SANCHES, 2003, p. 72)

Uma analogia pode ser feita entre a narradora e o galo, ambos pertenciam à natureza, a um outro tempo, um tempo que segundo ela “todo mundo queria esquecer”, pertencer ao campo, simbolizava “atraso” numa cidade de primeiro mundo, totalmente urbana; “um galo no prédio era uma carroça no trânsito: vergonha para os cidadãos” (SANCHES, p. 68). Uma infância no campo não parece representativa para os vizinhos da narradora, exceto para a dona da casa ao lado, uma vez, que sua neta adora bichos, ou seja, aprecia a natureza.

A infância da narradora tem como lugar o mesmo habitat do galo, mato, pasto, cafezal, plantação de hortelã, feijão, arroz... todas as características físicas do campo. Manter o galo presente é como ativar a memória e buscar nela as imagens significativas que derivam dessa lembrança.

As lembranças remetem aos lugares da memória que são, antes de tudo, restos do que se viveu e se guardou. Nora (1993) declara que:

Os lugares da memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13)

Para a narradora, o canto do galo é o arquivo da sua meninice, da presença familiar; ele é representativo, porque é o resto do se viveu plenamente, é pelo canto que ela pode reviver o campo, até que ela perceba que o Rodô já não existe mais também, assim como seus pais, a casa no campo, e todos os elementos que a constituía, e que infelizmente o fio condutor de toda essa rememoração só pode ser o canto similar de um galo comum ao canto do Rodô, o galo da infância, esta que não voltará nunca mais.

Observa-se que a importância dada à infância acontece graças ao espaço em que ela ocorreu, os elementos que preenchem esse espaço são arquivos memorísticos que remetem a

uma satisfação pessoal, a uma liberdade que no atual momento a cidade não lhe oferece; a infância no campo é a representação do brincar, da presença calorosa dos pais, enquanto que na cidade a moça lida com o trabalhar, a lembrança dos pais mortos e a mecanização dos seus atos, ela ainda tem que aceitar a mudança inevitável que ocorreu entre a menina de ontem e a mulher de hoje.

Tudo isso porque a sua infância foi abastecida de presença, de vozes familiares, já na vida adulta, a narradora lida com a solidão e o vazio provocado pela ausência dos pais, ou seja, campo e cidade são dois espaços opostos, tanto pela composição, quanto pelo significado e atuação na vida da narradora.

O que se vê também é um saudosismo latente em relação à infância, onde qualquer coisa que pudesse fazer valer a pena, desde que pudesse viver tudo aquilo de novo, até trazer um galo para morar no apartamento; há na narradora uma urgência abismal pelas manhãs na chácara, pelo canto de Rodô e os dias livres de brincadeira no campo, isto é, para ela a infância é sinônimo de liberdade, sem vizinhos, sem barulhos de carro, sem compromissos, sem incômodos, com a quietude do campo a vida fica cheia de sensações boas e repleta de significados.

A infância no campo é apresentada por meio de um ritmo que viabiliza qualidade de vida, que para a moça já começa de manhã com o cantar do galo, enquanto que na cidade as pessoas são acordadas pelo despertador, a alimentação é um outro ponto, na roça tudo é caseiro, o leite é tirado naquele momento do café, na cidade as pessoas são adeptas de produtos industrializados, as pessoas vivem correndo, atropeladas pelos compromissos que entrelaçam corpo e alma, na roça a imagem de morros e árvores propicia uma visão mais agradável, tranqüilidade, a natureza é apreciada e valorizada, enquanto que na cidade a hora do rush é um pavor coletivo, o trânsito é caótico, o clima alterado pela poluição, discute-se a segurança, no trabalho as pessoas não tem tempo para pensar em nada, ou seja, a cidade produz um ritmo de vida violento, que de certa forma acaba escravizando a narradora, por isso essa volta constante à infância, e a tentativa desesperadora de vivê-la novamente.

Como se vê, infância e vida atual têm sido para a moça a mais perfeita antítese, sozinha perdida em seus devaneios, ela lida diariamente, com dois pólos entrelaçados, de um lado toda a beleza da construção da sua identidade dentro do campo, do outro a crise em aceitar a vida presente que foge ao padrão em que foi construída, a realidade que bate à porta, o dever de se adaptar ao atual espaço e tempo, ou seja, para a narradora caberia o que nosso caro Guimarães Rosa apregoava: “Viver é um rasgar-se e remendar-se”, uma incumbência fantástica de adequação.

8 DA MEMÓRIA COMO AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE

A identidade humana está pautada no que a memória pode reter, nas percepções que guardamos, como afirma Santo Agostinho (1999) :

Eis que exclamo dentro de mim. Ao dizer isso, tenho presentes as imagens de tudo o que exprime, hauridas do tesouro da memória, pois, se faltassem, absolutamente nada disto poderia dizer. (SANTO AGOSTINHO, 1999, p. 217)

A narradora-personagem só se vê como um ser humano, carregado de identidade, quando é remetida pelo canto do galo ao campo, este, lugar de afirmação de si mesma, onde as percepções são carregadas de significados e aconchego familiar, ela só pode dizer da sua vida, quando volta os olhos para a infância, quando ativa a memória e as imagens vêm, é por meio das imagens que a reconstrução ocorre. Na cidade ela é massificada, trabalha demais e não tem tempo para muitas coisas; o canto do galo é a imagem que a nomeia como o alguém que um dia ela foi, o mesmo alguém que ela deseja desesperadamente voltar a ser, mesmo sabendo que tal ambição é impossível de ser realizada.

Para Pollak (1992) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, e também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa em sua reconstrução de si:

[...] há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 5)

Pela memória, a moça trouxe para a cidade a representação e os valores da roça, e espera que a cidade compreenda que trazer à tona os traços do campo, como o de ressuscitar o canto do galo na capital, não é um atraso, mas sim a valorização da natureza e seus atributos. Há um embate em como ela se vê representada e de como a cidade encara essa representação, ou seja, ela pertence a um tempo que todo mundo quer esquecer, a cidade de primeiro mundo faz do campo e suas representações uma vergonha, e aniquila totalmente os desejos primários da narradora de manter suas raízes memorísticas na capital. Pela memória dessa narradora, é

possível vislumbrar a identidade do homem do campo nos centros urbanos. Ocorre uma desilusão porque ela não é percebida e encarada como esperava.

Pollak (1992) escreve que “na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”, como a imagem-lembrança do galo que restitui os anos iniciais da vida da narradora, vividos no campo; o autor prossegue e arremata sua proposição ao pontuar que:

Podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. (POLLAK, 1992, p. 3)

O canto do galo é o lugar da infância, é o quintal com o irmão, a mãe na cozinha, e o pai a ordenhar as vacas; ele representa tudo isso, porque é o que se guardou como marco de momentos tão bem vividos, momentos em que a narradora construía a sua identidade e valorização pelo campo.

Sanches mostra que a narradora encontra no galo de penas marrons, a possibilidade de sorver os sentimentos da infância, a presença dos pais e a nostalgia dos dias felizes no campo. Transitar nos palácios da memória é um consolo para os dias vazios e solitários na cidade grande; por um curto espaço de tempo, ela pode novamente travar uma identificação consigo mesma e perceber que tudo o que ela é se formou no campo, na infância com os animais no quintal.

A narradora evoca as lembranças do campo, tendo por base os sentimentos vividos na infância, para ela não há separação entre percepção e lembrança, uma vez que tem a ilusão de estar vivendo tudo aquilo novamente.

Supõe-se, desta vez, que a percepção presente vá sempre buscar, no fundo da memória, a lembrança da percepção anterior que se lhe assemelha: o sentimento do *déjà vu* viria de uma justaposição ou de uma fusão entre a percepção e a lembrança. (BERGSON, 1999, p. 100)

O sentimento do *déjà vu* vem através do canto do galo, é só ele cantar que a narradora conduz o leitor a sua infância: um lugar repleto de memórias e atributos familiares.

No conto o canto do galo remete a um lugar remoto, não classificado cronologicamente, uma vez que o que realmente significa para a narradora são os acontecimentos vividos, estes que a fazem transitar entre a percepção e a lembrança:

No elevador, ainda ouço o galo cantando e retorno a meus devaneios. Papai com chapéu esgarçado andando pelo campo, a roupa já ligeiramente suja. Eu e meu irmão correndo, descalços, pelo quintal, pulando porteira, subindo em árvore de fruta. (SANCHES, 2003, p. 64)

A narradora é tão absorvida pelas percepções e lembranças, que elas já não se separam mais da realidade atual, o rememorar tem para a moça um caráter típico de representação do sentir de novo. Para ela, as lembranças são tão vivas que a vida lá fora se torna insignificante, e, por um bom tempo, toda vez que o galo canta, ela alimenta a identidade perdida, que era do campo e no momento da narrativa, não se formou na cidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos até aqui, a memória se manifesta como formadora de identidade; Sanches apresenta no conto *O hóspede secreto*, uma narradora-personagem que vive ancorada nos devaneios da infância; estes que são provocados pelo canto de um galo de penas marrons, animal revestido de aura simbólica, uma vez, que alude ao Rodô, o galo do quintal da infância.

O galo abrange outros significados; ele traz à tona, a casa no campo, os pais, o irmão, as brincadeiras, os costumes e a própria identificação que a moça trava com a roça. Ela mora na capital, mas a única identidade demonstrada no conto está num horizonte recortado por morros e árvores, criar um galo na cidade é uma forma de não esquecer suas raízes; com ele o rememorar é constante, a narradora pressente que o galo traz a quietude do campo e o aconchego familiar. Ele é o próprio reconhecimento da infância.

A moça não se vê representada na cidade, ela carrega consigo os símbolos da roça, e trazer o galo para o apartamento leva-a pagar um preço alto: é com este ato que ela denuncia que pertence a outro tempo/espaço, o que, até então, era invisível e só ganha notoriedade porque o canto do galo incomoda os vizinhos. Essa notoriedade, no contexto do conto, denuncia o olhar urbano para o que é do campo.

Essa informação é fundamental para se entender que a memória determina a identidade; sob uma outra ótica, as experiências vividas estão pautadas no que o esquecimento não levou, e que as imagens evocadas representam de certa forma, de onde viemos, onde estamos, e para onde queremos ir.

Além do mais, o parâmetro da existência somente se dá pela bagagem memorística de cada indivíduo, somos aquilo que lembramos, nos definimos como sujeito, agimos como tal, de acordo com o que aprendemos, nada nos rotula melhor do que as experiências filtradas e arquivadas em nossa memória, tudo buscamos lá, e quando ela se mostra falha, há no indivíduo uma crise quase incapaz de ser resolvida; umas das maiores urgências do ser humano é a sua própria definição, o encontro marcado consigo mesmo.

Por outros caminhos, a identificação com determinado tempo/espaço é a certeza que de alguma forma, nada é regido por acaso, tudo ali foi construído, peça por peça, significado por significado, ou seja, a identidade é uma construção de memórias, e quando o indivíduo é de alguma forma tirado desse leque de identificações, ele é invadido pelo sentimento de não-pertencimento; deslocam-se as certezas e o que resta são lembranças enternecidas.

Nesse sentido, o papel fundamental da memória é o de alocar imagens carregadas de significados, para que assim o indivíduo possa se afirmar com base nas suas vivências, ou

seja, toda identidade é fruto de um acervo memorístico que começa na infância e segue sendo alimentado pelas experiências adquiridas.

Concluindo, a identidade é por sua vez, produto real da memória, onde cada indivíduo mantém um acervo particular de nomeações, experiências, histórias, imagens, sons, odores, e lembranças que possibilitam o sentimento de continuidade e coerência na reconstrução e afirmação de si mesmo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BERGSON, Henri (1859-1941). **Matéria e Memória**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

SANCHES NETO, Miguel. **Hóspede secreto**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NORA, Pierre. PROJETO HISTÓRIA: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, 1993.

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212